

ELISABETH ANTONELLI

O AMOR E O ÓDIO NA CONTRATRANSFERÊNCIA:
*CONSIDERAÇÕES SOBRE O LUGAR DO ANALISTA EM CASOS DE DIFÍCIL
ACESSO*

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2006

ELISABETH ANTONELLI

O AMOR E O ÓDIO NA CONTRATRANSFERÊNCIA:

CONSIDERAÇÕES SOBRE O LUGAR DO ANALISTA EM CASOS DE DIFÍCIL ACESSO

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2006

BANCA EXAMINADORA

RESUMO.

A natureza dos sentimentos experimentados pelo analista em relação ao seu analisando, a contratransferência, é um tema complexo.

Em casos difíceis e trabalhosos, como o que será objeto da presente dissertação, a contratransferência demonstra ser, além de um importante aliado, um significativo desafio. A dor suportada pelo paciente necessita da continência do analista para transformar-se em sofrimento e em palavra. Estar com a analisanda, objeto desta pesquisa, significou um permanente contato com a turbulência emocional. A transferência vivida em nível muito primitivo transforma-se em desafio para o analista. A atmosfera das sessões adquire o caráter angustiante pré-verbal.

A contratransferência, por meio de sua dimensão *pática*, ou seja, o sofrimento a que o analista se vê subordinado, imposto pela natureza dos sentimentos trazidos pelo paciente, ganha em intensidade de sentimentos ambivalentes.

Em virtude da necessidade de elaboração de tais sentimentos, uma espécie de repressão cuja finalidade é manter o *setting* analítico, colocá-los a serviço da análise pode contribuir para transformá-los em um importante instrumento de trabalho na situação analítica. A hipótese que pretendo desenvolver é a de que a contratransferência, em tais casos, pode constituir também um instrumento de diagnóstico diferencial.

Palavras chave: contratransferência, *setting* analítico, diagnóstico diferencial

ABSTRACT.

Countertransference, the nature of the feelings experienced by the analyst towards his or her analysand, is a complex theme.

In difficult and labor-intensive cases, such as is the object of this thesis, countertransference proves to be not just an important ally, but also a considerable challenge. The pain endured by the patient needs the analyst's continence in order to be transformed into suffering and into word. Being with the analysand who is the object of this study meant being in constant contact with emotional turbulence. The transference experienced on a very primitive level turns into a challenge for the analyst. The atmosphere of the sessions takes on an anguishing pre-verbal character.

Countertransference, through its *pathic* dimension, that is, the suffering to which the analyst is subjected, imposed by the nature of the feelings brought by the patient, is intensified by ambivalent feelings.

Due to the need to elaborate on such feelings, a certain kind of repression, whose aim is to maintain the analytical setting and put the feelings at the service of the analysis, may contribute to turning them into an important work tool in the analytical situation. The hypothesis I intend to develop is that countertransference, in such cases, may also constitute a differential diagnostic tool.

Key words: countertransference, analytical setting, differential diagnostic

Para Mario e Marco Antonio, meus amores.

AGRADECIMENTOS.

Aos meus pais , cada um à sua maneira, que me ajudaram até aqui.

Aos colegas do Laboratório de Psicopatologia Fundamental, que estimularam minha produção por meio de seus comentários, críticas e sugestões.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck, que, com sua amizade e seu estímulo, despertou o que havia de melhor em mim.

Aos meus eternos professores, Prof. Dr. Renato Mezan e Prof. Dr. Luís Claudio Figueiredo, para os quais sempre quis fazer as coisas bem-feitas.

Ao Prof. Dr. Fabio Hermmann, por sua luta contínua no sentido de uma interlocução da Psicanálise com a Universidade.

Aos colegas do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, pelos anos de convivência, sempre tão aguerridos.

Aos colegas de formação no Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, com quem tenho partilhado minhas inquietações nos últimos anos. Em especial, quero agradecer à Associação de Candidatos, que me ajudou a me apropriar desta trajetória, fazendo parte desta história.

A Myrna Pia Favilli, minha querida supervisora, dedico um pedaço do meu coração.

Ao meu analista, Julio Frochtengarten, agradeço a paciência, o carinho e a lealdade que teve para comigo em momentos de tantos prantos.

Aos grandes companheiros de estrada Tereza Cristina Ralston Bracher, Nelson Ernesto Coelho Júnior, Camila Salles Gonçalves, Anna Mehoudar, Eva Wongtschowski, Regina Célia Chú Cavalcanti, Paula Regina Perón, Alan Victor Meyer: o que seria de mim sem vocês?

A Regina Favre e André Gaiarsa, companheiros para o que der e vier.

Às minhas amigas, Ligia Valdez Gómez, Heloisa Marton e a turma da Psicologia PUC/81 pela presença constante nestes anos.

Às minhas colegas de consultório, pelo prazer de compartilhar o cotidiano.

Gostaria de prestar uma homenagem póstuma ao Prof. Máximo Stéphanó Lamberti, que teve um papel fundamental na minha graduação e um papel igualmente importante nesta dissertação.

À Eliana Spinelli Luciano, Maria Dulce Patané Spinelli e Dora Wild pela cuidadosa revisão e tradução.

Aos meus pacientes, que alargaram meu colo e minha compreensão do humano.

Aos meus alunos, um convite.

Agradeço também aos que tanto me apoiaram com muita paciência, atenção e disposição na realização deste trabalho e que não citei nominalmente.

A presente dissertação foi realizada graças à inestimável colaboração da CAPES, que investiu em uma pesquisadora não tão jovem.

Sumário

Introdução	10
I. A NOÇÃO DE CONTRATRANSFERÊNCIA	22
<i>I.1. As recomendações de Freud</i>	<i>22</i>
<i>I.2. Ferenczi: contribuições geniais e problemas insolúveis</i>	<i>28</i>
<i>I.3. A noção de contratransferência na escola inglesa</i>	<i>31</i>
<i>I.3.1. O caminho aberto por Paula Heimann e os destinos da contratransferência</i>	<i>35</i>
II. A CLÍNICA	45
<i>II.1. O caso Cecília</i>	<i>48</i>
<i>II.2. O caso Cecília: a história da análise</i>	<i>56</i>
<i>II.3. Tecendo a teia da transferência: Um luto</i>	<i>75</i>
III. DO INVISÍVEL LUGAR DE ANALISTA: O AMOR E O ÓDIO NA CONTRATRANSFERÊNCIA	80
<i>III.1. Des – tecendo a teia da contratransferência</i>	<i>80</i>
<i>III.2. O impacto da ansiedade persecutória na neutralidade analítica</i>	<i>84</i>
CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
OBRAS CONSULTADAS	100